

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Kerem Hasan direcção musical

2 Jun 2023 · 21:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



PATROCINADOR VERÃO DA CASA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Maurice Ravel

Valses nobles et sentimentales (1911; orq.1912; c.17min)

1. Modéré — très franc —
2. Assez lent — avec une expression intense —
3. Modéré —
4. Assez animé —
5. Presque lent — dans un sentiment intime —
6. Assez vif —
7. Moins vif —
8. Epilogue (Lent)

Richard Strauss

Suite de *O Cavaleiro da Rosa* (1911; c.22min)

2ª PARTE

Johannes Brahms

Sinfonia n.º 4, em Mi menor, op. 98 (1884-85; c.40min)

1. Allegro non troppo
2. Andante moderato
3. Allegro giocoso
4. Allegro energico e passionato

Maurice Ravel

CIBOURE, 7 DE MARÇO DE 1875

PARIS, 28 DE DEZEMBRO DE 1937

Valses nobles et sentimentales

No dia 9 de Maio de 1911, a *Société musicale indépendante* organizou na Salle Gaveau, em Paris, um “Concert sans noms d’auteurs”. Tratava-se de um evento onde o público era convidado a adivinhar o nome do compositor de cada obra constante do programa. Nesse concerto, o pianista Louis Aubert iria estreiar uma peça que lhe fora dedicada, as *Valses nobles et sentimentales*. Apesar de na plateia estarem críticos profissionais, a obra foi atribuída a Eric Satie, Zoltán Kodály e, inclusive a Théodore Dubois, entre outros, mas não a Maurice Ravel, o seu verdadeiro autor. “Alguns dos amigos e admiradores de Ravel, que estavam muito familiarizados com a sua música, não reconheceram o seu estilo e ridicularizaram, impiedosamente, *Valses nobles et sentimentales*”, conta Darius Milhaud, que assistiu ao concerto.

Um ano depois, Maurice Ravel orquestrou a obra e transformou-a num bailado. *Adélaïde, ou le langage des fleurs* (*Adelaide ou a linguagem das flores*), assim se chama o ballet, foi levado à cena a 22 Abril de 1912, em Paris, no Théâtre du Châtelet, pela companhia da bailarina russa Natacha Trouhanova. Nesse espectáculo foram também estreados mundialmente os bailados *La Péri* de Paul Dukas, *Istar* de Vincent d’Indy e *A Tragédia de Salomé* de Florent Schmitt, com cada um dos compositores a dirigirem as suas obras interpretadas pela Orquestra Lamoureux.

A instrumentação gizada por Maurice Ravel inclui duas flautas, dois oboés, um corne inglês, dois clarinetes, dois fagotes, quatro trompas, dois trompetes, três trombones, tuba, timbales,

bombo, pratos, triângulo, tambor, pandeireta, celesta, *jeu de timbres*, duas harpas e quinteto de cordas.

A criação desta obra foi inspirada pelas duas coleções de valsas — *34 Valses sentimentales* D. 779 e *12 Valses nobles* D. 969 — que Franz Schubert publicou em 1825 e 1829, respectivamente. Ravel compõe sete *Valses nobles et sentimentales* mais um epílogo. Utiliza para isso uma escrita clara “que endurece a harmonia e acusa os relevos da música”, conforme referiu o compositor no esboço biográfico que ditou a Roland-Manuel, em 1938. Uma escrita formada por dissonâncias, asperezas harmónicas, cromatismos inesperados e contrastes rítmicos.

Mas, parafraseando François-René Trancheford, as *Valses nobles et sentimentales* são mais um “adeus a Schubert”, um “adeus à valsa e a todas as suas conotações sociais e históricas”. Talvez seja essa a mensagem que Maurice Ravel quis transmitir ao incluir a citação do poeta simbolista francês Henri de Régnier: “... le plaisir délicieux et toujours nouveau d’une occupation inutile” (“o prazer delicioso e sempre novo de uma ocupação inútil”).

Richard Strauss

MUNIQUE, 11 DE JUNHO DE 1864

GARMISCH, 8 DE SETEMBRO DE 1949

Suite de *O Cavaleiro da Rosa*

A estreia de *O Cavaleiro da Rosa*, em 1911, foi um dos momentos icônicos da história da ópera. Na noite de 26 de Janeiro, o Teatro da Corte de Dresden encheu por completo para assistir à primeira récita da mais recente composição operática do aclamado compositor alemão Richard Strauss. *O Cavaleiro da Rosa* sucedia a *Elektra*, estreada dois anos antes, e a *Salomé*, levada à cena em 1905.

Apesar de a crítica ter recebido *O Cavaleiro da Rosa* com frieza e alguma hostilidade, o público adorou a ópera, tendo aplaudido incessantemente o elenco no final dos Actos II e III. No ano da estreia teve, só em Dresden, mais de 50 récitas, fez uma *tournee* por várias cidades alemãs e foi cantada nos principais teatros de ópera europeus. O libreto é uma criação do escritor e dramaturgo austríaco Hugo von Hofmannsthal, a quem Strauss pediu um texto que lhe permitisse escrever uma comédia musical passada na Viena do século XVIII, inspirada no seu compositor de eleição, Wolfgang Amadeus Mozart.

O argumento de *O Cavaleiro da Rosa* é uma história de amor. No centro da trama está Marie Therese, Princesa de Werdenberg, designada por Marechala por ser casada com um militar com a patente de Marechal. Com o marido ausente por largos períodos, Marie Therese tem um caso com um jovem e atractivo conde, de seu nome Octaviano. O enredo completa-se com o grosseiro, petulante e ordinário Barão Ochs von Lechenau, primo da Marechala, que quer casar com Sophie von Faninal, uma jovem encantadora oriunda de uma abastada

família burguesa. O Barão Ochs decide pedir em casamento Sophie, oferecendo-lhe uma rosa de prata. É Octaviano o escolhido para, em nome do Barão, entregar o símbolo do pedido de casamento. Mas, quando Octaviano chega a casa de Sophie para lhe entregar a rosa, os dois apaixonam-se de imediato. Depois de várias peripécias, o amor dos dois jovens vence. O Barão retira o pedido de casamento e a Marechala abdica do seu jovem amante.

O enorme sucesso de *O Cavaleiro da Rosa* levou a que a sua música fosse comercializada de várias maneiras, de forma a ser fruída para além do teatro de ópera. Foram feitos inúmeros arranjos e transcrições para piano, bem como diversas suites para orquestra com os principais trechos da ópera. Em 1925, foi estreado em Viena um filme mudo realizado por Robert Wiene com a colaboração e a anuência do compositor.

A Suite para orquestra de *O Cavaleiro da Rosa* foi elaborada por Richard Strauss em 1944, mais de três décadas após a estreia da ópera, e publicada pela conceituada editora Boosey & Hawkes no ano seguinte, com o número de *opus* 59. É formada por um conjunto de valsas que retratam as principais ocorrências do enredo original. Começa com uma emulação do início da ópera, com as trompas e os fagotes a desenhar musicalmente o acto amoroso entre a Marechala e Octaviano (que na ópera acontece com a cortina fechada). O momento de acalmia coincide com o instante em que o acto amoroso termina e a cortina sobe, dando início ao espectáculo. Segue-se a cena em que Octaviano presenteia Sophie com a rosa de prata (que na ópera corresponde ao início do II Acto). Trata-se de um trecho extenso, que transborda de graciosidade. Uma terna e doce melodia, interpretada pelo oboé, à qual se segue uma sequência de acordes

agudos e brilhantes protagonizados simultaneamente por flautas, flautim, celesta, harpas e violinos, assinala musicalmente o instante em que os dois jovens se apaixonam. O clima idílico e romântico é subitamente interrompido por uma forte explosão musical, dando conta de que o amor de Octaviano e Sophie foi descoberto. É necessário retroceder até ao I Acto, mais concretamente à cena em que o Barão Ochs conta à Marechala a sua intenção de casar com Sophie. São os violinos os responsáveis por interpretar a linha melódica desta valsa, enquanto o resto da orquestra marca, em acordes, a tradicional divisão ternária. A suite avança, então, para o III e último Acto, para a cena em que a Marechala cede Octaviano a Sophie e os deixa a sós a celebrarem o seu amor. A obra não termina sem antes retratar a discussão violenta entre Octaviano e o Barão Ochs, com este a demonstrar a sua fúria por ter sido preterido em favor de um jovem.

ANA MARIA LIBERAL, 2020

Johannes Brahms

HAMBURGO, 7 DE MAIO DE 1833

VIENA, 3 DE ABRIL DE 1897

Sinfonia n.º 4, em Mi menor, op. 98

A Sinfonia n.º 4 em Mi menor, op. 98, é a última obra sinfónica de Johannes Brahms. Mas a sua génese é anterior à Sinfonia n.º 3, porquanto Brahms, no início do ano de 1882, colocou a hipótese de compor uma obra sinfónica a partir do último andamento da Cantata *Nach dir, Herr, verlanget mich*, BWV 150, de Johann Sebastian Bach. A Sinfonia n.º 4 começa, porém, a ser composta no Verão de 1884, nomeadamente o “Allegro non troppo” e o “Andante moderato”. Elisabeth von Herzogenberg e Clara Schumann, duas grandes amigas do compositor alemão, inquiriram-no por carta durante todo o Inverno de 1884 e a Primavera de 1885, manifestando curiosidade em saber se estaria a ser escrita uma nova sinfonia. Brahms não lhes respondeu. Passou o Verão de 1885 a trabalhar no terceiro e no quarto andamento, e no início de Setembro enviou a Elisabeth von Herzogenberg a partitura do primeiro andamento. A 25 de Outubro de 1885, a Sinfonia n.º 4 era estreada em primeira audição mundial na cidade alemã de Meiningen, numa interpretação da Orquestra da Corte dirigida pelo compositor.

Um correspondente do jornal *Neue Musik-Zeitung* noticiou o “enorme sucesso” da obra considerando-a “a conquista mais poderosa” de Brahms no domínio sinfónico. Mas a polémica deflagrou entre o crítico Eduard Hanslick, defensor entusiasta do compositor alemão, e Hugo Wolf, adepto fervoroso de Wagner. Para Wolf, a Sinfonia n.º 4 de Brahms, à semelhança das outras três, era de uma “horrível monotonia” e possuía uma linguagem que era a “da mais intensa impotência musical”. Hanslick

contrapôs afirmando que a sinfonia, enquanto género musical, “é a consagração suprema de um compositor”, salientando, a seguir, que todas as qualidades e recursos criativos ímpares de Brahms, tais como a “genuína invenção sinfónica”, o “domínio de todos os segredos do contraponto, harmonia e instrumentação” e a “mais bonita liberdade de fantasia (...) estão presentes de forma abundante nesta Sinfonia”.

Na verdade, a Sinfonia n.º 4 de Brahms é um exemplo perfeito da forma reverencial com que o compositor alemão tratou e respeitou a tradição sinfónica, revestindo-a, no entanto, com um cunho pessoal indelével: a “melancolia generalizada”, como afirma o musicólogo James Hepokoski. A construção formal e musical da obra que preenche a segunda parte do concerto desta noite é notável. Brahms edifica todo o primeiro andamento em intervalos de terceira ascendentes e descendentes (em música, intervalo é a unidade de medida da distância entre duas notas). No primeiro tema alterna intervalos de terceira descendentes com intervalos de sexta ascendentes obtendo como resultado uma melodia inquieta e ansiosa — apresentada pelos violinos I e II, primeiro, e pelos violoncelos e contrabaixos, a seguir. O segundo tema, vigoroso e conciso, introduzido pelo oboé, clarinete e fagote, é também todo ele composto por terceiras; quando os violinos I e II interpretam uma linha melódica *cantabile*, toda a orquestra toca uma série de terceiras que se movimentam no sentido descendente também por intervalos de terceira!

O belíssimo “Andante moderato” começa com uma citação vigorosa e ritmicamente incisiva a cargo das trompas, seguida de uma passagem arrebatadora na qual as cordas apoiam uma melodia interpretada pelos sopros através de delicados acordes em *pizzicato*. A sonoridade medieval que sobressai neste segundo

andamento deve-se à utilização do modo frígio em Mi.

A única vez que Johannes Brahms escreve um *scherzo* ‘à maneira’ de Beethoven nas suas sinfonias é na Sinfonia n.º 4. Embora esteja na forma sonata, o “Allegro giocoso” pode ser comparado a um *scherzo* no carácter, pela sua alegria e energia transbordantes.

Brahms era um mestre a incorporar e reinterpretar alusões musicais históricas nas suas obras. A sua derradeira sinfonia contém um dos exemplos mais sublimes dessa reinterpretação. No quarto andamento, o compositor alemão incorpora um tema em forma de coral (com ligeiras modificações) extraído da Cantata *Nach dir, Herr, verlanget mich*, BWV 150, de Bach, e constrói sobre ele um conjunto de 35 variações em forma de *passacaglia*. São os sopros (metais e madeiras) que, numa demonstração de força e poderio sonoro, apresentam um tema circunspecto e austero que dá início a uma estrutura monumental que é um corolário perfeito para a última obra sinfónica do compositor nascido em Hamburgo.

ANA MARIA LIBERAL, 2017

Kerem Hasan direcção musical

Kerem Hasan é o maestro titular da Orquestra Sinfónica Tirolesa de Innsbruck, agora na quarta temporada, tendo assumido o cargo em Setembro de 2019. No Verão de 2017, o jovem artista britânico lançou as bases para uma muito promissora carreira internacional ao ganhar o Prémio Jovens Maestros Salzburgo e Nestlé. Antes, tinha já chamado a atenção enquanto finalista do Concurso de Direcção Donatella Flick (Londres) e como maestro associado da Ópera Nacional de Gales.

Na presente temporada em Innsbruck, Kerem Hasan dirige *La Traviata* de Verdi no Tiroler Landestheater, além de concertos com a Orquestra Sinfónica Tirolesa. Outros momentos fortes de 2022/23 são a produção de *Carmen* com a English National Opera e participações na qualidade de convidado das orquestras Filarmónica de Londres, Hallé, Filarmónica de Dresden e Orquestra da Rádio da Noruega. Trabalha pela primeira vez com a Orquestra da Rádio de Munique, a Orquestra da Rádio Nacional da Roménia e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Regressa à Sinfónica Nacional Dinamarquesa, à Sinfónica de Toronto, à Filarmónica de Tampere, à Sinfónica da BBC e à Noord Nederlands Orkest. Para Junho de 2023 está prevista a sua estreia com a Orquestra Sinfónica Yomiuri Nippon, no Japão.

Entre os seus sucessos mais recentes contam-se as interpretações de ópera em Glyndebourne (*A Flauta Mágica*), com o Glyndebourne on Tour (*A Carreira dum Libertino*), na Ópera Nacional de Gales (*La Forza del destino*), na English National Opera (*Così*) e no Tiroler Landestheater (*Sansão e Dalila*, *Rigoletto*, *The Rape of Lucretia*). Dirigiu concertos com a Orquestra do Concertgebouw, a Sinfónica de Londres, a Royal Philharmonic, as sinfónicas

SWR e MDR, a Sinfónica da Rádio ORF de Viena, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Filarmónica do Teatro La Fenice e a Nova Filarmónica do Japão. No Verão de 2022, estreou-se nos Estados Unidos da América com a Sinfónica de Detroit, a Sinfónica de Utah e a Orquestra do Minnesota.

Kerem Hasan frequentou masterclasses com David Zinman, Edo de Waart, Gianandrea Noseda e Esa-Pekka Salonen, entre outros. A convite do seu mentor Bernard Haitink, foi seu assistente na Orquestra Sinfónica de Chicago, na Orquestra do Concertgebouw e na Sinfónica da Rádio da Baviera.

No Verão de 2016, participou pela primeira vez na Academia de Direcção de Orquestra do Festival de Música de Aspen, onde trabalhou com Robert Spano. Regressou ao festival em 2017, como *Conducting Fellow*, onde foi distinguido com o Prémio Aspen para Maestros; em 2018, como maestro assistente; e no Verão de 2022, enquanto artista convidado, tendo dirigido a Orquestra de Câmara de Aspen.

Nascido em Londres, em 1992, Kerem Hasan estudou piano e direcção de orquestra no Conservatório Real da Escócia. Depois, aperfeiçoou as suas competências na Universidade de Artes de Zurique com Johannes Schlaefli.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
Emília Vanguelova
Maria Kagan
Ivanina Khmelik
José Despujols
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Andras Burai
Roumiana Badeva
Evandra Gonçalves
Catarina Resende*
Margarida Campos*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
Lilit Davtyan
Catarina Martins
José Paulo Jesus
Pedro Rocha
Domingos Lopes
Paul Almond
Karolina Andrzejczak
Nikola Vasiljev

Viola

Mateusz Stasto
Pedro Meireles
Luís Norberto Silva
Emília Alves
Theo Ellegiers
Biliana Chamlieva
Jean-Loup Lecomte
Anna Gonera
Alexandre Aguiar*
Cristiana Barreiro*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
João Cunha
Sharon Kinder
Michal Kiska
Aaron Choi
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Nadia Choi
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Raúl Represas*

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia Brito*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Pedro Silva*
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Vera Dias*
Cândida Nunes
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Eddy Tauber
Hugo Carneiro
José Bernardo Silva
Bohdan Sebestik

Trompeta

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Romeu Silva*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*
Pedro Góis*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda*

Celesta

Vítor Pinho*

*instrumentistas convidados

Próximos concertos

04 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

Valsas Nobres

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Kerem Hasan direcção musical

Concerto comentado por **Daniel Moreira**

Obras de **Maurice Ravel** e **Richard Strauss**

05 SEGUNDA 21:00 SALA SUGGIA

Escola de Música Óscar da Silva

Concerto escolar

Promotor: Escola de Música Óscar da Silva

06 TERÇA 19:30 SALA 2

Daniel Pinto Coelho

Novos Valores do Fado · Prémio Novos Talentos Ageas

06 TERÇA 21:00 SALA SUGGIA

Conservatório de Música do Porto

Concerto escolar

Promotor: Conservatório de Música do Porto

08 QUINTA 21:30 SALA 2

Nuno Carpinteiro

Apresentação do álbum *Viagem*

Promotor: Yellowfield

09 SEXTA 21:00 SALA SUGGIA

Grandes Coros de Ópera

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Coro comunitário

Martin André direcção musical

Obras de **Bizet, Donizetti, Leoncavallo, Mascagni, Puccini, Verdi, Wagner,**

Mozart e **Tchaikovski**

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

